

## EDITORIAL

É com grande satisfação que apresentamos este número da Revista Caderno de Ciências Sociais da UFRPE. Neste número temático os artigos se debruçam sobre o tema da pós-colonialidade. As teorias pós-coloniais discutem e analisam criticamente os sistemas de produção de poderes, procurando estudar os saberes e experiências silenciados pela relação colonial-capitalista. As perspectivas pós-coloniais se caracterizam pela tentativa de valorização de narrativas outras que não a narrativa totalizadora eurocêntrica. Nesse sentido, é através da visibilização da pluralidade que os estudos pós-coloniais conformam propostas de teorias contra-hegemônicas.

No presente número, o debate se inicia com o texto Uma proposta de matriz metodológica para os estudos descoloniais. Os autores enfrentam o desafio de contribuir para uma metodologia descolonial. Sabendo que nos últimos anos a literatura que explica e defende a perspectiva pós-colonial, a partir de uma epistemologia que critica a homogeneidade ocidental, se tornou extremamente abundante, os autores defendem que há uma lacuna metodológica neste campo teórico. O artigo propõe indicadores descoloniais que podem ser utilizados como categorias analíticas em pesquisas de vertente pós-colonial.

O texto de Maurício Hashisume nos auxilia a compreender melhor a relação imbricada entre capitalismo, colonialismo e patriarcado. Tomando como base um clássico da sociologia, Karl Marx, o texto reflete a respeito do conceito de acumulação primitiva. Uma característica dos estudos pós-coloniais é justamente apontar os limites dos clássicos, que muitas

vezes se restringem a uma análise da modernidade, ficando oculta a colonialidade dos processos. Dessa forma, no texto, a acumulação primitiva, tão bem descrita por Marx como o “pecado original do capitalismo” se complexifica quando a partir de falas das periferias (autores latino-americanos, africanos, asiáticos, e principalmente da população indígena da América Latina) se acresce ao capitalismo, o colonialismo e o patriarcado, como bases importantes de opressões.

Outro clássico da sociologia é questionado, a partir da teoria pós-colonial, no texto “Weber e a universalidade da cultura (ir)racional moderna: uma análise crítica a partir dos estudos pós-coloniais”. O artigo apresenta as ideias de Weber de que os valores ocidentais foram capazes de se universalizar através da racionalização. Para fazer o contraponto a Weber, o autor se utiliza de Boaventura de Sousa Santos, uma referência citada em vários dos artigos presentes nesse número, para falar da linha abissal que desmistifica a universalidade dessa racionalização, pois “do outro lado da linha abissal”, ou seja, para além dos ideais modernos, há um mundo colonial.

Saindo da crítica aos clássicos, mas permanecendo num tema caro à sociologia, o texto de João Matias reflete sobre uma questão fundante das Ciências Sociais no Brasil: a identidade nacional. A literatura, mais especificamente o romance “Viva o povo brasileiro” de João Ubaldo Ribeiro, é utilizada como mecanismo para se pensar o que é ser brasileiro. Nesse sentido, o artigo se conecta com os estudos pós-coloniais, que possuem a origem e uma vasta tradição na literatura. Dessa forma, o texto promove um importante diálogo entre ciências sociais e literatura e valoriza um autor brasileiro. A valorização de autores locais é outra característica da perspectiva pós-colonial. No texto, ganha relevo a discussão de mestiçagem e do lugar do negro e do índio para a constituição da identidade brasileira. Dessa forma, coloca no centro temas fundamentais, como hibridação e o lugar de fala do subalterno, para os estudos pós-coloniais.

O racismo epistêmico, que problematiza a questão dos processos de subalternização na ciência é um assunto forte no artigo “História,

pós-colônia e a produção de conhecimentos nas Áfricas e Diásporas: diálogos sobre soberanias políticas e intelectuais com Achille Mbembe”. O artigo coloca o racismo como uma questão estrutural e faz uma crítica à assepsia ou à neutralidade científica, essa crítica é uma postura característica da perspectiva pós-colonial. A partir do continente africano, o texto advoga pela importância da própria história, pelo “direito a saber de si”. Através da historiografia, a reflexão denuncia a colonização mental e epistêmica ao evidenciar a invisibilização de autores negros e indígenas, que produzem teoria, mas que não estão no cânone do pensamento moderno.

O artigo de Tiago Lemões, assim como o texto anterior, dá um grande destaque para as contribuições teóricas do africano Achille Mbembe. O texto de grande erudição e com leituras importantes e fundamentais trata a respeito da população de rua. O conceito de necropolítica de Mbembe é utilizado para demonstrar a violência estatal em relação a “populações extermináveis, racialmente marcadas e destituídas de humanidade.” Dessa forma, o autor denuncia que a presença de populações de rua significa uma política do Estado, ou seja, não significa uma incapacidade ou ausência do Estado. Dessa forma, o texto tem uma potência política ao denunciar os mecanismos estatais, que ainda permanecem com uma lógica colonial de privilegiar certas práticas e populações.

Os limites do Estado também aparecem no texto de Caetano De’Carli. O Estado brasileiro, historicamente vem relegando a realidade do mundo rural. A educação do campo é colocada como pano de fundo para argumentar como o conceito de campo, é mais potente politicamente do que o conceito de rural. O campo aparece como o outro da cidade, o subalterno, como um conceito forte para enfrentar os desafios contemporâneos do rural. E é a educação do campo que fornece elementos para refletir sobre conceitos-chave da perspectiva pós-colonial como diversidade, fronteira e epistemologias do sul.

Diante da riqueza dos textos aqui reunidos, cabe ainda, nessa breve apresentação, explicar a imagem da capa desse número. A busca por

uma imagem que representasse a pluralidade das ideias veiculadas nos artigos deste número com temática pós-colonial nos levou a uma foto de uma favela. Um espaço estigmatizado e portador de uma diversidade de vozes e de virtudes. Da mesma forma, os artigos aqui reunidos apontam as ocultações, marginalizações e assimilações que a periferia, em seu sentido mais alargado, sofreu; ao mesmo tempo em que demonstram a força e a beleza desse lugar oprimido.

Por fim, faz-se necessário mencionar que a organização de um número da Revista não é tarefa fácil e envolve muitas pessoas. Tive a alegria de ficar com a responsabilidade de organizar esse número, no entanto, essa árdua tarefa não foi feita de forma isolada. Nesse sentido, é preciso dar o devido reconhecimento de quão imprescindível foi a participação em todo o processo de Andrea Lorena Butto Zarzar e de Tarcísio Augusto Alves da Silva, editores da Revista. Importa fazer um agradecimento especial aos pareceristas; foi fundamental o olhar cuidadoso de pelo menos dois acadêmicos, além dos editores, para cada um dos textos, possibilitando assim a publicação de artigos de qualidade inquestionável. Gostaria ainda de agradecer a colaboração dos autores, que trabalharam arduamente pra que os artigos agora apresentados ficassem da melhor forma possível. Boa leitura! ◀